

LITERATURA EM PRAÇA PÚBLICA: QUEM SÃO OS LEITORES/AS QUE FREQUENTAM UMA PRAÇA DE TROCAS DE LIVROS DE BLUMENAU/SC

Patrícia Gonçalves Jorge ¹
Carla Carvalho ²

O POTENCIAL DA LITERATURA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: INTRODUZINDO A DISCUSSÃO

A literatura caminha junto à humanidade há muito tempo. Mesmo antes da escrita, as histórias, transmitidas por meio da oralidade, foram e são protagonistas da vida em comunidade. A literatura tem um vasto potencial, nós, como humanidade, a ela nos agarramos para refinar sentimentos, para nos provocar quanto à realidade, para promover a mudança social, para (re)constituir nossa identidade e interioridade e para compreendermos o outro.

A ciência é o modo como tradicionalmente chegamos à verdade, como construímos conhecimentos acerca da realidade e da humanidade. Contudo, há conhecimentos que não são facilmente desvelados pelo método científico. É o que argumenta Fischer (1977) quanto enuncia a importância da arte para o acesso ao invisível e ao inaudível. Petit (2009, p. 215) também arrobusta a discussão: “[...] a literatura pode ativar funções intelectuais específicas, contrariamente à uma representação corrente segundo a qual a construção da inteligência só poderia ser sustentada por textos argumentativos.”

Fica clara, portanto, a importância da arte e da literatura na constituição integral do ser humano. É isto que observamos na Praça de Leitura de Blumenau/SC: um acervo dinâmico, um público diverso e um espaço sendo habitado. A Praça funciona desde 2017 e foi cedida à cidade por uma empresa local no intuito de cumprir com uma sanção extrajudicial. Depois de entregue à comunidade, a Praça passou a ser por esta mantida. A Praça conta, ao todo, com 256 metros quadrados³, havendo uma área coberta que abriga o acervo e o leitor, por meio de prateleiras e bancos. Uma placa anexada ao local esclarece seus objetivos: servir de local para leituras

¹ Mestranda em Educação da FURB – Universidade Regional de Blumenau/SC, pjorge@furb.br. Órgão de fomento: CAPES.

² Professora no PPGE/FURB – Universidade Regional de Blumenau/SC, carvalho@furb.br.

³ De acordo com a seguinte reportagem: <https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/secretaria-de-desenvolvimento-urbano/seplan/praaca-da-leitura-seraa-entregue-aa-comunidade-nesta-segunda-feira54> Acesso em: 12 jul. 2021.

individuais e coletivas e para o empréstimo e a doação de livros e que tipo de textos aceita: literatura, textos informativos e revistas atuais, não sendo aceitos panfletos e livros didáticos.

O espaço nos interessou por sabermos da desvalorização da leitura literária e por sabermos que, em média, no Brasil, lê-se cinco livros por ano, de acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2019). A própria dinâmica capitalista desfavorece a leitura: trabalhadores e trabalhadoras exaustos/as chegam à casa e optam por um entretenimento fácil e leve; ainda, as telas nos consomem e nos viciam a ponto de afetar a nossa capacidade de concentração. Considerando esse ambiente desfavorável à leitura literária, e vendo na Praça de Leitura um acervo flutuante, dinâmico, fomos levadas a inferir que a espaço é habitado por um público considerável.

Tendo isso em vista, motivamo-nos a visitar e a investigar a Praça com o objetivo de compreender o perfil do sujeito leitor que frequenta o local e os motivos pelos quais o fazem. Para dar cabo da análise dos dados coletados, usaremos autores como Cechinel (2020), Neitzel, Cruz e Weiss (2017), Bridon (2015), Petit (2009) e Fischer (1977).

O nosso percurso metodológico contou com quatro visitas ao espaço da Praça de Leitura, nos dias 21/04/2021, 04, 05 e 07/05/2021. Na primeira visita, fizemos observações e pensamos em um modo de gerar os dados. Durante a visita, tivemos contato com alguns frequentadores da Praça. Na segunda visita, além de fotografar o acervo, pensamos no melhor modo de dispor algumas cartas, dentro das quais haveria questões para serem respondidas anonimamente. Na terceira visita, instalamos 40 cartas, penduradas no teto do espaço coberto; nesse dia, também conversamos com um dos frequentadores. Por fim, na quarta visita, coletamos os dados, que estavam armazenados em uma caixa por nós instalada. Também limpamos o espaço, que estava com os barbantes que seguravam as cartas ainda presos ao teto. Durante todo o processo investigamos o acervo, para entender com que frequência ele muda.

Das 40 cartas disponibilizadas, obtivemos seis respostas, e, por meio delas, descobrimos que a média de idade dos respondentes é de 48 anos, que a maioria deles frequenta a praça de maneira assídua, que alguns dos frequentadores zelam pela limpeza e organização da Praça, que os respondentes acreditam na importância da leitura para a aquisição de conhecimento e para o desenvolvimento de habilidades oratórias e argumentativas.

Por meio deste trabalho, entendemos que espaços públicos culturais são importantes promotores de democratização da cultura, de encontros, de dinâmicas, de descobertas. Acreditamos ainda em sua importância no que tange às problemáticas inerentes ao capitalismo:

pressa, produtividade, falta de tempo, alienação, individualismo. A Praça de Leitura contribui com valores mais humanos, como a reflexão, a criticidade, a fruição estética, a convivência e a coletividade.

PERCURSO TEÓRICO: O PAPEL DA LITERATURA (DES)ESTRUTURADORA DO SUJEITO LEITOR

Retomando o que enunciamos na introdução deste trabalho, debruçar-nos-emos, nesta seção, sobre autores que guiaram nossas reflexões e análises acerca da literatura e de sua relação com o sujeito leitor.

Tanto Vigotski (2003) quanto Petit (2009) enxergam a arte como meio de externar angústias internas, que, se acumuladas, podem-nos ser adoecedoras. Enquanto o primeiro explica que

O que permanece irrealizado em nossa vida deve ser sublimado. [...] Portanto, a arte representa, do ponto de vista psicológico, um mecanismo permanente, biologicamente necessário, de eliminação das excitações não-realizadas na vida e é uma acompanhante inevitável de toda existência humana [...] (VIGOTSKI, 2003, p. 232).

A segunda, esclarece: “Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior” (PETIT, 2009, p. 115).

Outra característica ligada à arte e que, logo, atravessa também a literatura é o discernimento que ela pode nos provocar. Muitas vezes, a arte é um meio pelo qual conseguimos enxergar o mundo que nos envolve com mais clareza, com mais criticidade. Nossa cegueira quanto ao real, pode, por vezes, tornar-se possibilidade quando defrontamo-nos com a arte. Como bem colocam Neitzel, Cruz e Weiss (2017, p. 128), a leitura é “um exercício intelectual, e afetivo que leva à reflexão, à autonomia, ao querer e ao gostar, que pode alargar nossas potencialidades intelectuais [...]”. A arte, ainda, serve-nos de inspiração para pensar em alternativas a o que está dado, alternativas mais humanas: “A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade” (FISCHER, 1977, p. 57).

Além disso, o encontro com a alteridade é algo que frequentemente encontramos na literatura, o que pode nos fazer compreender outras visões de mundo e até incorporá-las: “[...] a arte jamais é uma é uma mera descrição clínica do real. Sua função concerne sempre ao

homem *total*, capacita o ‘Eu’ a identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser” (FISCHER, 1977, p. 19, grifo do autor).

Cechinel (2020, p. 79) faz um esforço no sentido de desmistificar o prazer que se dá no encontro com o literário. Tal encontro é, sim, transformador, mas não sem esforço:

[...] menos que um espaço de afirmação das alteridades, a literatura é sempre um convite para a saída de si, um convite à perda (de tempo, de linguagem), ao abandono, ao desencontro, ao desentendimento, à releitura, à improdutividade, tudo isso, [...], sem promessa alguma de satisfação do consumidor ou de reencontro posterior consigo mesmo com o outro. A radicalidade da literatura não está nos encontros que promove, mas antes nos desencontros ou desvios que nos impedem de chegar a ela em definitivo.

Em suma, ler é trabalhoso, desconfortável, desconcertante, desafiador, mas, o ato de ler também nos é necessário, transforma-nos, humaniza-nos, expande nosso olhar para com o outro e o mundo, é ancestral pois, como reflete Petit (2009), somos seres de narrativa.

O LUGAR TORNADO ESPAÇO: DESCOBERTAS DO PERCURSO INVESTIGATIVO

Em nossa investigação, observamos no que constitui o acervo da Praça de Leitura: além de livros de literatura, há livros infanto-juvenis, histórias em quadrinhos, dicionários, apostilas, livros didáticos e enciclopédias. Em algumas de nossas visitas, percebemos que o acervo estava organizado, e, por conversas com frequentadores, estes nos informaram que muitas pessoas em situação de rua habitam aquele espaço, e, destas, algumas o organizam e o limpam. É interessante notar que, quando os sujeitos sentem que algum espaço lhes pertence, quando criam uma conexão com o espaço, passam a cuidar dele, algo que Petit (2009) notou em suas pesquisas com sujeitos em situação de marginalização e/ou fragilidade social.

Das respostas coletadas com os questionários descobrimos que a idade média dos respondentes é de 48 anos, sendo o mais jovem de 31 e o mais velho de 80 anos. O questionário também nos esclareceu que a maioria dos sujeitos que interessaram-se em nos responder são assíduos frequentadores da Praça, o fazendo diariamente ou semanalmente.

Também nos interessou saber as razões pelas quais os sujeitos frequentam a Praça e descobrimos que alguns o fazem por gostar de ler, outros, para passar o tempo, e, ainda, por considerar o espaço motivador. Em meio a cidade de Blumenau, que carece de espaços públicos de lazer e convivência, este último sujeito encontra na Praça de leitura um espaço que lhe acolhe. Isso evidencia um dos problemas atrelados às cidades: abundam estabelecimentos

comerciais, ruas, avenidas, residências, mas, faltam espaços em que se possa habitar sem pressa ou sem projectos de possíveis compras.

Quando perguntado que livros gosta de ler, um dos respondentes disse buscar autoconhecimento, e, para tal, busca leituras diversas, as quais não tem costume de ler. É interessante pensar na conexão que o leitor fez entre autoconhecimento e leituras diversas, o que é corroborado por Cequinel (2020, p. 34):

Ora, para ser de fato ameaçadora, a para poder eventualmente retirar o leitor do lugar por ele ocupado quando do instante da recepção, a obra não pode originar-se diretamente das demandas desse leitor ou se limitar a satisfazê-las. [...] a seleção tem de desafiar o leitor e desarmar seus desejos de consumo iniciais.

Bridon (2016, p. 103) esclarece ainda que, quando a seleção da obra é bem feita, esta é capaz de revelar ao leitor coisas novas, inesperadas, que o fazem enxergar o mundo através dos olhos do outro, acrescentando ainda que: “Ao fazer isso, esse leitor estará [...] desenvolvendo suas competências leitoras, visto que, a partir do momento em que ele passa a pensar no texto, a fazer conexões, inferências, ele entrará nos níveis mais altos da compreensão leitora.”

Ainda, perguntamos aos sujeitos que habitam a Praça de Leitura “Por que ler é importante?”, e descobrimos que, nossos respondentes o fazem: para adquirir conhecimento, para formar opiniões, abrir a mente, compreender a vida. Ainda, alguns deles responderam que leem para melhorar a fala, os argumentos, o vocabulário. Desse modo, tais respostas se relacionam a **crescimento pessoal, atualização cultural e desenvolver uma habilidade**, categorias que encontramos também na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil (2019)*. Encontramos convergências com a reflexão de Petit (2009, p. 183):

[...] lendo com frenesi obras variadas, muitos leitores se dedicam na realidade a uma atividade vital, mesmo que não estejam sempre conscientes disso. O que não os impede de também encontrar prazer, distração, informações, assuntos de conversa, algumas vezes idéias que apurem seu espírito crítico; e, de tempos em tempos, de se encantar com uma escrita, serem tocados por um estilo, sensibilizados por um ritmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS POTÊNCIAS DO ESPAÇO PÚBLICO COM ARTE

A leitura literária promove autoconhecimento, descoberta e saída de si, reflexão, tranformações internas e externas. Mas não é sem dificuldade que se dão esses encontros tão potentes, tão humanizantes, a literatura por vezes desestabiliza-nos, desconcerta-nos, mas é pelo mesmo motivo que também nos humaniza (CECHINEL, 2020).

Concordamos com Fisher (1977) quando enuncia que a arte é humanizadora, que, por meio dela, somos capazes de pensar um mundo melhor. Para nós, é daí que decorre o mais importante papel da arte: revolucionar o social. Enquanto o capitalismo caminha no sentido da desumanização, do produtivismo, da alienação, da pressa (CECHINEL, 2020), do individualismo, a arte nos dá a oportunidade de parar, pensar criticamente, desalienar-nos, conectarmo-nos ao coletivo, contemplar e dialogar com ela.

Os dados gerados na Praça de Leitura de Blumenau indicam que a leitura literária sobrevive, que espaços que valorizam o literário são importantes em meio ao caos e à correria citadinos, que o livro ainda é um meio relevante de aquisição de conhecimento.

Enxergamos a Praça de Leitura como uma iniciativa democratizadora da arte, e, também afirmamos o potencial da comunidade em gerir tal espaço. É verdade que nossa pesquisa não esgota o que pode ser descoberto, nossa compreensão se baseia nas quatro visitas, nas conversas informais com os sujeitos que lá encontramos e nos dados coletados por meio das cartas. Espaços públicos abrigam um sem-número de dinâmicas, encontros, reflexões, trocas de saberes e, nesse sentido, há muito o que se investigar e se descobrir no que tange a esses espaços.

Palavras-chave: Arte; Espaços não-formais de educação; Leitura literária; Literatura.

REFERÊNCIAS

BRIDON, J. Leitura na educação básica. *In:* CARVALHO, C.; NEITZEL, A. de A.; BRIDON, J. **Cultura, escola e educação criadora**. Itajaí: UNIVALI Editora; Joinville: Editora UNIVILLE, 2015. p. 88-108.

CECHINEL, A. **Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria:** (com “T” maiúsculo). Curitiba: Appris, 2020.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Itaú Cultural, 2019.

NEITZEL, A. de A.; CRUZ, D. V. da N.; WEISS, C. S. A leitura do literário como acontecimento. *In:* NEITZEL, A. de A. *et al.* **Cultura, escola e educação criadora**. Itajaí: Ed. da UNIVALI; Florianópolis: Dois por Quatro Editora. 2017. p. 123-136.

PETIT, M. **A arte de ler:** ou como resistir à adversidade. São Paulo: Ed. 34, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.